

BALEIAS

Conheci essa história desde menino, e foi com misteriosa emoção que a releí outro dia em "Singra" naquela excelente secção sobre o Rio antigo que C. J. Dunlop escreve com fotos de Augusto Malta. Foi em agosto de 1858 que correu na cidade o boato de que havia duas baleias imensas em Copacabana. Todo mundo correu para essa praia remota, muita gente dormiu lá em barracas, entre fogueiras acesas, e Pedro II também foi com gente de sua imperial família ver as baleias. O maior encanto da história é que não havia baleia nenhuma. Esse imperador saindo de seus paços, viajando em carruagem, subindo o morro a cavalo para ver as baleias, que eram boato, é uma coisa tão cândida, é um Brasil tão bôbo e tão bom!

[Pois bem]

No começo da última guerra havia uns rapazes que se juntavam ~~como outros rapazes ainda se juntam~~ no Bar Vermelhinho, para beber umas coisas, vêr as moças, bater papo. Ah, eramos rapazes! E entre nós havia um poeta que uma tarde chegou com os olhos verdes muito abertos atrás dos óculos, falando baixo, portador de uma notícia extraordinária: a esquadra inglesa estava ancorada na Lagoa Rodrigo de Freitas! Ah, éramos rapazes! Visualisamos num instante aquela beleza, a esquadra amiga, democrática, evoluindo perante o Jockey Club, abençoada pelo Cristo do Corcovado, entre as montanhas e o mar. Eu me ri e disse: poeta, que brincadeira, como é que a esquadra ia passar por aquele canal? Ele respondeu: pois é, isto é que é espantoso! Em volta, as moças acreditavam. Em que as moças não acreditam? Elas não sabem geografia nem navegação, são vagas a respeito de canais, e se não acreditarem nos poetas como poderão viver? Mas houve protestos prosaicos: não era possível! O poeta tornou-se discreto, falava cada vez mais baixo: está lá. E como as dúvidas fôsem crescento, grossas, ele confidenciou: quem viu foi dona Heloisa Alberto Tôrres!

M. 599

CM 7.3.54

Radio Roq. Pinto 6.1.64

DN, 9.7.66

"A traicão das E"

~~Conheci essa história desde menino~~

0580

Ficamos um instante em silêncio. O nome de uma senhora ilustre, culta, séria e responsável era colocado no mastro real da capitânea da esquadra do almirante Nelson pelas mãos do poeta. E o poeta sussurrou: eu vou para lá. Então as moças também quizeram ir, e como é bom que rapazes e moças andem juntos, nós partimos todos alegremente — ah, éramos rapazes! — mesmo porque lá havia outro bar, no Sacopã. ~~bebia-se naquele tempo, não se matava, no Sacopã.~~

Já havia o Córte do Cantagalo? Não havia o Córte do Cantagalo? A tarde era fresca e bela, não me lembro mais de nosso caminho, lembro da viagem, as moças rindo. Tudo sobre nossas cabeças de jovens era partido, o governo era nazista, a gente lutava entre a cadeia e o medo, com fome de liberdade — e de repente a esquadra inglesa, tangida pelo poeta, na Lagoa Rodrigo de Freitas! Fomos, meio bebidos, nosso carro desembocou numa rua, noutra, grande emoção — a lagoa! Estava mais bela do que nunca, levemente crespa na brisa da tarde, debaixo do céu azul de raras nuvens brancas perantes as montanhas imensas.

Não havia navios. Rimos, rimos, rimos, mas o poeta de súbito, sério, apontou: olhem lá. Céus! Na distância das águas havia um mastro, nele uma flâmula que a brisa do Brasil beijava e balançava, antes te houvessem rôto na batalha que servires a um povo de mortalha! O encantamento durou um instante, e nesse instante caiu o Estado Novo, as prisões se abriram, raiou o sol da liberdade, mas um desalmado restaurou a negra, assassina, ladravaz ditadura Vargas com quatro palavrões: é o Clube Piraguê!

Então bebemos, o entardecer era lindo na beira da lagoa, as moças ficaram meigas, eu consolei a todos com a história do imperador sem baleias. O poeta disse: nós somos imperadores sem baleias! Ah, éramos rapazes! — R. B.

7/3/54